



A jornada dos (não) heróis em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo

Journey of (non)heroes in Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo

Éderson de Oliveira Cabral¹



<https://orcid.org/0000-0002-3393-8340>



<https://lattes.cnpq.br/9724417897329095>

Daniel Conte²



<https://orcid.org/0000-0002-4251-3299>



<http://lattes.cnpq.br/1006151597195479>

Marcel Fernando da Silva³



<https://orcid.org/0000-0003-2216-7066>



<http://lattes.cnpq.br/9596126644470070>

RESUMO

Ao visar a construção identitária da mulher negra brasileira, busca-se compreender, na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, se, como produto literário, foi construída uma protagonista que se enquadra na teoria de Joseph Campbell em relação à jornada do herói. As reflexões acerca da identidade de Ponciá sugerem intersecções entre o conceito de herói compreendido na literatura, ainda que se faça deslocamentos e ajustes, quando confrontados com a teoria de Campbell, trazendo uma nova perspectiva e outro poder de interpretação à narrativa. Além disso, reflexões de pensadores contemporâneos são colocadas em diálogo para uma melhor compreensão dos aspectos analisados na narrativa de Evaristo. Dessa forma, não apenas se percebe que o romance desvela o expediente de (não) heróis, os quais apresentam uma trajetória como lutadores incansáveis, como também se entende que a autora construiu uma personagem capaz de dialogar com a subjetividade obliada de milhões de mulheres, evidenciando claros contornos às humanidades negligenciadas.

Palavras-chave: *Ponciá Vicêncio*; Identidade; Mulher negra brasileira; Jornada do herói.

¹ Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS – Brasil. E-mail: edercabral@feevale.br

² Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS – Brasil. E-mail: danielconte@feevale.br

³ Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul, Sapucaia do Sul/RS – Brasil. E-mail: naradamuni1975@gmail.com



ABSTRACT

Aimed at the identity construction of Brazilian black women, we seek to understand, in the book Ponciá Vicêncio (2003), by Conceição Evaristo, whether, as a literary product, a protagonist was constructed that fits Joseph Campbell's theory of the hero's journey. The reflections on Ponciá's identity suggest intersections between the concept of hero as understood in literature, even if displacements and adjustments are necessary when confronted with Campbell's theory, bringing a new perspective to the narrative. Writings by contemporary thinkers are used to create a dialogue for a better understanding of the aspects analyzed in Evaristo's narrative. Therefore, it is seen that not only does the novel unveil the expedient of (non)heroes, who present a trajectory as tireless fighters, but also that the author has built a character capable of engaging with the overlooked subjectivity of millions of women, showing clear contours to the neglected humanities.

Keywords: Ponciá Vicêncio; Identity; Brazilian black woman; Hero's journey.

1. INÍCIO DA JORNADA

O romance *Ponciá Vicêncio* apresenta, em seu enredo, as impressões e vivências da protagonista desde sua infância até a fase adulta. A obra retrata a biografia de uma mulher negra, que vive um processo de diáspora íntima e busca resgatar sua identidade e se entender como sujeito social. Discussões sobre identidade tem sido motivo de ampla argumentação nas teorias que contemplam movimentos, deslocamentos e pertencimentos sociais na atualidade. O debate orbita em torno do declínio das antigas identidades estabilizadas em seus imaginários e os efeitos de sentido produzidos nos dias de hoje, levando ao surgimento de novas identidades e, conseqüentemente, fragmentando o sujeito contemporâneo, antes considerado como uma entidade unificada. Assim, o que conhecemos como crise de identidade e descentramento do sujeito é parte de um processo mais amplo de mudança, que está alterando as estruturas e as dinâmicas centrais das sociedades atuais, abalando os quadros de referência que forneciam aos indivíduos uma ancoragem fossilizada no mundo social.

Dessa forma, na primeira seção deste artigo, relacionamos o contexto sócio-histórico brasileiro às teorias de pensadores contemporâneos, voltados ao amparo imagético dos sujeitos comuns, para justificar a composição elementar da personagem que representa um recorte específico da população. Como observam Elen Silva e Daniel Conte, o enredo

apresenta uma menina e mulher, refém de seu destino de filha e neta de ex-escravos, na qual a herança se eterniza em seu comportamento alienado, insano de ser. Conforme a pesquisadora e professora Barbosa, "além de expor uma trama psicológica e emocional complexa, Ponciá Vicêncio retrata e analisa questões raciais e sociais, pois o sobrenome 'Vicêncio' era herança da escravidão negra" (2020, p. 212).

Na terceira seção, baseados em Joseph Campbell (1949), em sua obra *O herói de mil faces*, reconhecemos e apontamos uma similaridade na construção dos protagonistas, encontrando, nos mitos fundadores de diversos povos, elementos que se repetiam em textos produzidos ao longo da História, conceituando que, a jornada do herói segue uma espécie de roteiro comum presente em todos os romances. As etapas para o reconhecimento do processo de heroicização seguem três passos elementares: o afastamento, a iniciação e o retorno, sendo que existem subdivisões dentro



de cada uma⁴. Ainda que a personagem Ponciá Vicêncio se enquadre nas categorias elementares mencionadas pelo autor, é possível observar os deslocamentos em relação às obras épicas, a qual é distinta do ideário heroico constituído e reconhecido na literatura⁵.

O romance de Conceição Evaristo, neste estudo, é analisado sob as perspectivas teóricas referentes à construção da identidade no Brasil, no período pós-escravatura, observando-se os aspectos constitutivos decorrentes desse processo (Stoll, 2019; Luna e Silva, Paulino, 2022). Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico que possibilitou a fundamentação teórica e a compreensão dos aspectos sócio-históricos formadores da identidade feminina negra. Assim, serão colocadas em diálogo algumas reflexões de Edward Said, Stuart Hall, Abdias do Nascimento, Aleida Assmann, Ernest Cassirer, Aníbal Quijano e Angela Davis no intento de alinhar um sistema de entendimento complexo que envolve teorias sociais, da linguagem e políticas.

A partir dessa interlocução, analisamos a protagonista Ponciá em consonância com a jornada de heroicização descrita por Campbell (Athayde, 2014), ainda que existam contrapontos que devem ser percebidos pelo viés teórico, não se enquadrando devidamente no termo “herói”, apresentado pelo autor. Entender a identidade da personagem, seu contexto e a maneira como reage ao mundo, dentro do campo da representação, possibilita reflexões que ajudam a analisar a trajetória dos indivíduos que, assim como Ponciá, são enredados em situações de vulnerabilidade, assumindo posições que os tiram de suas zonas de conforto. Se, por um lado, o romance de Evaristo escancara os preconceitos sociais e os infortúnios pelos quais passa uma grande parte da população brasileira; por outro lado, podemos atentar para as estratégias de sobrevivência e adaptação perante seu *status quo*.

Mesmo que a Literatura não tenha como objetivo a transformação da realidade, é possível perceber o quanto uma obra literária pode ser capaz de provocar reações que confrontam a subalternidade exigida pelas estruturas de poder, iluminando a escuridão política que perpetua o domínio de uma mesma elite econômica há séculos. A ficção, desse modo, propicia uma interação entre a representação e a vivência que se estabelece por meio da representatividade, despertando mecanismos de análise social subjetivos que oferecem aos sujeitos condições singulares para a produção de efeitos de sentido crítico da condição humana.

2. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM PONCIÁ VICÊNCIO

Ponciá Vicêncio é um romance da escritora Conceição Evaristo, publicado no ano de 2003, que conta a história da personagem homônima. O enredo descreve a menina Ponciá vivendo no período pós-escravatura e desvela seu cotidiano. Ao longo do texto, a personagem vai sendo apresentada e descrita por uma narradora onisciente que conta suas vivências e descreve o desejo de se afastar

⁴ Para um maior aprofundamento sobre a relação da teoria de Campbell e com a personagem Ponciá Vicêncio, aconselha-se a leitura de “A jornada do herói em Ponciá Vivêncio, de Conceição Evaristo”, artigo de Mara Bilk de Athayde (2014).

⁵ Apesar de fazer uma reflexão similar a leitura de Mara Bilk de Athayde (2014) a respeito da jornada do herói e da personagem Ponciá Vivêncio, nosso trabalho se mostra relevante, pois apresenta uma divergência: neste estudo não situamos Ponciá junto às figuras heroicas enaltecidas nas páginas literárias, ao contrário; traçamos uma nova perspectiva sobre o conceito de herói.



da realidade miserável em que foi criada. Após sua infância, ainda jovem, coloca-se em marcha da zona rural rumo à metrópole, onde continuará se defrontando com a marginalização e com a hierarquização humana em um imaginário estruturalmente racista. No final da narrativa, retorna ao seu núcleo original, por uma ação de resgate de seus familiares. Compreender a escritura pelas mãos de literatas que viveram (e vivem) essa realidade significa presenciar a fluência da negritude para o mundo das letras e o olhar de “dentro” capazes de resgatar a História pelo prisma de quem sente na pele os efeitos da inferiorização imposta e constituída socialmente. Essa manifestação de subjetividade, aliada às experiências objetivas na escrita, é denominada “escrivência”, ou seja, “a escrita que se alimenta da vida da autora” (Evaristo, 2019, 2018) — termo cunhado por Evaristo.

É sabido que a escravidão deixou marcas profundas e agonizantes nos descendentes das pessoas que sofreram esse processo no Brasil e que, desde a abolição, o coletivo negro parece viver em uma realidade paralela, em que são mantidos à distância e inoperantes no espectro das ações políticas decisórias para os Direitos Humanos. Lília Schwarcz e Flávio Gomes (2018) reuniram uma coletânea de textos de diversos pesquisadores que abordam as múltiplas faces da segregação racial ocorrida no país, intitulada de *Dicionário da escravidão e liberdade*. Nessa obra, é possível entender como os processos de reparação histórica não são respeitados, ou ainda, são demorados (quilombolas) e deslegitimam o direito que os ex-escravizados e seus descendentes deveriam possuir, sendo todos colocados à margem no corpo social.

A afastamento sistemático da centralidade nacional dessa população se deu a partir de uma estrutura de pensamentos e ações que se desenvolveu ao longo dos anos, criando barreiras que, desde outrora, impedem a cidadania e a emancipação real da comunidade negra. Atualmente, podemos observar os efeitos do racismo estrutural, quando entendemos que o sistema carcerário brasileiro é composto por 64% de detentos negros e pardos, segundo dados referentes ao ano de 2016, encontrados no DEPEN (Departamento Penitenciário Nacional).

É comum que se leia notícias sobre o tráfico de drogas, por exemplo, contendo um pré-julgamento que acusa com facilidade os jovens negros de “traficantes”. Um tratamento diferenciado existe, para a mesma situação, quando os investigados são de classe média/alta e sobretudo, brancos. Neste caso, são referenciados como “o jovem”, “o universitário”, “o empresário”. O caso de Cláudia da Silva Ferreira⁶, conhecida como a “mulher arrastada” é um exemplo pontual do tratamento recebido pelos indivíduos negros e, assim, é evidenciada a relativização da justiça, uma vez que, após sete anos do crime, os policiais seguem ilesos e uma família negra se mantém inconformada (Franco, 2022). Os discursos utilizados pelos meios de comunicação ainda se referem de forma a separar o “nós” do “eles” e se pode ver manchetes que tratam de estabelecer marcas linguísticas para identificar contraventores.

Ainda é mais trágico a interseccionalidade da mulher negra brasileira. Esse fenômeno não é somente complexo e multifacetado, como também representa a convergência de diversas opressões e discriminações que a mulher negra enfrenta na sociedade. Essas mulheres são afetadas não apenas pelo racismo estrutural, mas também pela misoginia arraigada, o que resulta em desafios únicos e em uma experiência singular de luta por reconhecimento, igualdade e empoderamento em um país

⁶ Cláudia da Silva Ferreira foi sequestrada por policiais do Rio de Janeiro, posta em um porta-malas e acabou sendo arrastada por mais de 300 metros ainda ligada à viatura.



que perpetua, historicamente, desigualdades de gênero e raça, como, por exemplo, quando verificamos que as mulheres negras e pardas levam em média quatro horas por dia para se deslocar aos seus postos de trabalho e enfrentam um terceiro turno ao chegarem em casa, tendo de lidar com os asseios domésticos, educação dos filhos e preparação de alimentação, na maioria das vezes, desamparadas de quaisquer políticas públicas de apoio.

Construir-se, identificar-se e se representar como negro, no atual contexto, é algo difícil e exige uma resistência semelhante à de outrora, quando os rebeldes fugiam das atrocidades infligidas por seus “senhores”, tentando viver com mais dignidade e, erigindo assim, os primeiros quilombos brasileiros.

Na trama de *Ponciá Vicêncio*, pode-se ver o quanto os personagens, mesmo após receberem sua liberdade, ainda são mantidos em situação análoga à escravidão. O enredo se desenvolve no início do século passado, no entanto, a leitura da obra revela que mudanças substanciais não ocorreram até agora, caso se atente para a situação em que vive a maioria dos negros brasileiros.

Abdias do Nascimento (1980), reflete sobre o contexto sócio-histórico dos afro-brasileiros, ressaltando o silenciamento contínuo dessa população, assim como os seus atos insurgentes, na busca por autonomia e equidade:

No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro a horripilante etapa histórica brasileira do escravagismo, a camada dominante no Brasil não tem poupado esforços. Com esta providência se conseguiriam vários benefícios: primeiro, aliviaria a consciência de culpa dos descendentes escravocratas, os mesmos que ainda hoje continuam dirigindo os destinos do país; segundo, simultaneamente ao desaparecimento do seu passado, o negro brasileiro assistiria também à obnubilação de sua identidade original, de sua religião de berço e de sua cultura, o que resultaria na erradicação da personalidade africana e no orgulho que lhe é inerente. A classe dirigente e seus porta-vozes teóricos – historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores etc., – formam uma consistente aliança a qual tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e seus descendentes no Brasil (Nascimento, 1980, p. 66).

Dentro de um cenário em que havia seres superiores, guiados pelas mãos divinas e com a missão de salvar as almas selvagens espalhadas pelo mundo, os povos negros sequestrados de suas terras originárias foram, e ainda são considerados por muitos, como um outro inferiorizado e naturalmente dado à subalternização. Por meio dessa interlocução teórica, pode-se notar, a seguir, que os personagens de Evaristo carregam as marcas da estigmatização racial.

3. NOS PASSOS DE PONCIÁ

Em algumas passagens de *Ponciá Vicêncio*, o tempo é relativo e se refere às digressões de pensamentos das personagens; em outras passagens, percebe-se o desenvolvimento ocorrendo sincronicamente, oferecendo uma perspectiva do presente. Esse efeito temporal permite que o leitor tenha a sensação de ouvir uma história antiga, muito mais que uma lembrança, mas, sobretudo, uma viagem entre sentimentos, emoções e pensamentos.

Ponciá vivia em uma pequena vila batizada com o nome do Coronel Vicêncio, homem branco, dono da propriedade, onde ex-escravizados e seus familiares ainda viviam sob a égide da operação exploratória do colonialismo. Para não perder a mão-de-obra daqueles que um dia lhe pertenceram,



o proprietário fez concessões de terras, assim, aquelas pessoas continuariam atreladas à necessidade de subsistência, e suas produções agrícolas serviriam como forma de pagamento, em troca do espaço que receberam para trabalhar. Até mesmo seus nomes levavam a marca da subalternidade, como, por exemplo, o sobrenome Vicêncio, fato questionado pela protagonista no decorrer da narrativa:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Panda, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém (EVARISTO, 2003, p. 18).

Caso voltemos nossa atenção ao valor do nome, como quesito necessariamente identitário, podemos perceber que o questionamento de Ponciá ultrapassa o tempo e o espaço ficcionais, demonstrando o embargo cultural pelo qual passaram gerações de africanos e seus descendentes. No Brasil colonizado, não havia espaço para os signos dos cativos e, ainda hoje, não se vê com facilidade nomes de origem africana. Ernest Cassirer (1972) aponta que os nomes têm a pretensão de carregar os atributos, a força da família etc. e, de certa forma, são parte do eu do ser humano e podem carregar consigo traços de caráter, de personalidade, os quais estão unidos de modo indissolúvel, em função da própria denominação. Um nome não é apenas um símbolo, um signo, ou uma simples designação, senão parte da personalidade de seu portador (Cassirer, 1972). No caso de Ponciá, contudo, o sobrenome Vicêncio não a fortalece, apenas a designa como propriedade ou pessoa subalternizada, provocando nela um efeito de vazio, que não traz qualquer sensação de pertencimento ou identidade.

Entre a realidade e seus fluxos de consciência, a personagem procurou soluções para se emancipar em definitivo. A arte da cerâmica, aprendida com sua mãe, foi uma ferramenta utilizada para representar ou dar vida a sua subjetividade e inventar em si uma espécie de territorialidade subjetiva. As produções, além de utilitárias, retratavam seu mundo interior e demonstravam as habilidades que possuía, sendo exploradas pelo Coronel Vicêncio, que expunha a cerâmica na cidade, sem lhe conferir o devido crédito. Essa arte, com suas marcas características, ajudou, posteriormente, no reencontro e na recuperação simbólica das relações de sentido da família, quando seu irmão Luandi, depois de procurar sem sucesso por Ponciá e pela mãe, depara-se com os produtos feitos pelos familiares e, a partir de então, sabe que as duas estavam vivas. Esse movimento narrativo é significativo, uma vez que temos a manifestação da vida sendo constituída e legitimada pela tradição que vem materializada na arte do barro, elemento primitivo e que nos remete aos sentidos primeiros da cultura de origem interferida pelas ações coloniais.

Podemos ir mais adiante na compreensão da obra e observar no mundo ficcional a descrição das identidades femininas negras. Se, sob uma perspectiva, o racismo afeta a comunidade integralmente, em contrapartida, as mulheres negras são brutalizadas de maneira mais intensa. Angela Davis (2016) aborda as manifestações do racismo nos Estados Unidos e sua consequente contribuição para o sexismo, que direcionou práticas violentas às mulheres negras. Afirma autora que o



[...] racismo sempre tirou força da sua habilidade de encorajar a coação sexual. Enquanto as mulheres negras e as suas irmãs de cor foram os principais alvos destes ataques de inspiração racista, as mulheres brancas também sofreram. Desde que os homens brancos foram persuadidos que podiam cometer assaltos sexuais contra as mulheres negras impunemente, a sua conduta em relação às mulheres da sua própria raça não permaneceu inalterada [...] (Davis, 2016, p. 128).

As ideias de Davis abrangem áreas muito mais amplas do feminismo negro e encontram eco em pensamentos que entendem a existência de estratos sociais que sentem a opressão de formas diferentes. O racismo como prática naturalizada por uma coletividade branca também permitiu o aumento de diversos casos de violência contra as mulheres enquanto grupo, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil. A independência feminina e as relações orientadas com a participação das mulheres, desde a antiguidade, são deslegitimadas por diversas artimanhas coletivas do patriarcado. Ponciá não escapa ilesa desse tipo de violência:

Arregalou os olhos, curvou o corpo à espera de pancadas. Ele, com um carinho desajeitado, tentou levantar-lhe a cabeça, o que fez que ela se curvasse mais ainda. Sentiu remorsos por já ter batido na mulher tantas vezes. Não, ela não ficava assim longe, assim lerda por preguiça. Estava doente, muito doente (Evaristo, 2003, p. 92).

O respeito pela humanidade da esposa foi colocado em segundo plano em situações de brutalização anteriores. O marido enternecido de Ponciá, nessa passagem, confere-lhe direito à dignidade, quando justifica para si mesmo que a mulher estava doente. Fora desse contexto, a personagem era um corpo à disposição. Esse tipo de comportamento masculino se enraizou na cultura de vários povos, tornando-se uma prática normalizada. Outro componente identitário é a crença espiritual da personagem, híbrida entre o entendimento católico e africano, ligando-a à sua ancestralidade divina por meio das histórias repassadas oralmente entre os seus. As religiões promovem uma comunhão de pensamentos e ações, sendo um dos elementos culturais compartilhados coletivamente.

Logo no início do livro, a narradora nos conta que Ponciá rememora uma dúvida de sua infância: passar ou não por debaixo do arco-íris (angorô⁷) que, segundo os antigos provocaria a mudança de sexo de quem o fizesse. Crenças, como essa, moldam o imaginário comum e ajudam a produzir raciocínios que constituirão a identidade dos indivíduos. Seja com o teor moralizante ou com um viés filosófico, os mitos fundadores ajudam a construir as identidades culturais e os valores comunitários que serão o foco da defesa e hegemonia de um coletivo. Nessa ordem, podemos dialogar com Stuart Hall (2006) quando faz reflexões acerca das unidades culturais constituídas dentro dos territórios, as quais contribuem com o pensamento de homogeneidade identitária:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a

⁷ Angorô — É o nome de arco-íris entre os negros bantos de Angola.



nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2006, p. 50).

Ao observarmos o pensamento de Hall, podemos compreender que a religiosidade multifacetada dos diversos povos africanos que foram trazidos ao nosso país criou e manteve um vínculo que aproximou ideias e conjugou saberes, de modo que existissem amálgamas modelares e coesivas das coletividades diaspóricas, ainda que algumas adaptações tenham ocorrido por necessidade ou como símbolos de resistência, tais como o sincretismo. Metaforicamente, os feitos dos deuses africanos são transmitidos de geração em geração aos humanos, seus descendentes, perpetuando-se assim, modelos de comportamento que servirão como um filtro para a leitura do mundo. Busca-se sua assistência e proteção por meio de rituais ou preces que lhe são dirigidas, a fim de que seus descendentes desfrutem da sabedoria acumulada por eles ao longo da vida. O reviver dessas lembranças liga o presente ao passado, criando um fluxo contínuo de imagens, símbolos e significados que norteiam as ações humanas, congregando pensamentos. Aleida Assmann (2011) aborda as múltiplas faces da memória cultural para a construção das identidades. Assevera a autora que

Esse tipo de memória não dá prosseguimento sozinha a si mesma, sempre precisa ser renegociada, estabelecida e mediada uma vez mais, readquirida. Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e práticas culturais. Sem estes não é possível construir uma memória que transponha gerações e épocas [...] (Assmann, 2011, p. 24).

Seguindo o pensamento de Assmann, vê-se na narrativa uma criação de Ponciá, a imagem do falecido avô. Aquela pequena estátua era o retrato de sua lembrança mais antiga, guardada ao longo dos anos e funcionava como uma espécie de chave para um universo que não conheceu, mas pelo qual foi tocada. A arte representada na produção de mãe e filha sugere uma tradicionalização de fazeres, culminando no estabelecimento de práticas que mantenham a memória familiar e comunitária em constante movimento.

Outro ponto significativo na narrativa é a proximidade da loucura com o sobrenatural. Quando criança, Ponciá teve uma visão e os pais associaram tal acontecimento com o estado do patriarca, Vô Vicêncio, retratado como louco. Tomado pelo desespero, o personagem tentou pôr fim ao cativeiro em que ele e a família viviam. Sua atitude revela a insubmissão ao *modus vivendi* que sequestrava a dignidade dos afro-brasileiros. Em um ato extremado, Vô Vicêncio atentou contra a própria vida e as de seus familiares. O ancião decepara a mão, matara a própria esposa e perdera a sanidade ao ser impedido de realizar seu intento. Após o acontecimento, isolou-se, adentrando nos labirintos da loucura (ou da insubmissão), sendo um exemplo daquilo que nenhuma pessoa deveria fazer. Ponciá reteve em sua memória os traços do avô. Seus risos e choros mesclados, o braço decepado, sempre escondido nas costas, o encurvamento no andar. Por vezes, reproduzira, ainda criança, algumas dessas características, deixando a família preocupada. Eles se perguntavam como a menina poderia recordar do velho, se ele morrera quando ela era tão jovem; neste ponto há uma espécie de pós-trauma, ou transmissão intergeracional do trauma (Vecchi, 2013) e pós-memória (Sarlo, 2007).



Ao longo da narrativa, a personagem demonstra um alheamento que a afasta da realidade por períodos cada vez maiores. Caso se observe tais acontecimentos – a “loucura” e a “alienação” de Ponciá –, talvez se possa compreender outros aspectos da identidade afro-brasileira. Atitudes violentas voltadas contra si mesmos revelam a angústia, porém e, sobretudo, demonstram a insurgência de alguns indivíduos em contraposição às suas realidades.

O suicídio foi um subterfúgio adotado por diversas pessoas para acabar com o sofrimento, portanto, a prática se tornou recorrente entre os escravizados, transformando-se em uma característica constitutiva de identidades marcadas pela violência – dar fim à própria vida era uma prática contumaz entre os cativos e recebeu um nome que se referia aos sentimentos que poderiam levar ao suicídio: *banzo* (*mbanza* - aldeia). Evaristo (2011) recorre ao termo, em alguns de seus poemas (*Filhos na rua*, por exemplo), quando reflete sobre as condições de desumanização pelas quais passam os membros da comunidade negra e a sensação de desalento que desenvolvem.

É bem provável pelos registros que encontramos que a primeira referência à palavra “*banzo*” tenha sido citada no discurso acadêmico de Luis Antonio de Oliveira Mendes, sob o título *Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a Costa d’África e o Brasil* (1793) para a Real Academia de Ciências de Lisboa. Mendes procura justificar as atitudes suicidas, estudando seu comportamento e apontando as causas, consequências e medidas de prevenção para tais patologias. Observa que

[...] uma, e das principais moléstias crônicas, que sofrem os escravos, a qual pelo decurso do tempo os leva à sepultura, vem a ser o *banzo*. O *banzo* é um ressentimento entranhado por qualquer princípio, como por exemplo: a saudade dos seus, e da sua pátria; o amor devido a alguém; à ingratidão, e aleivosia, que outro lhe fizera; a cogitação profunda sobre a perda da liberdade; a meditação continuada da aspereza com que os tratam; o mesmo mau trato, que suportam; e tudo aquilo que pode melancolizar. É uma paixão da alma, a que se entregam, que só é extinta com a morte: por isso disse que os pretos africanos eram extremosos, fiéis, resolutos, constantíssimos, e susceptíveis no último extremo do amor e do ódio [...]. Este mesmo *banzo* por vezes observei no Brasil, que matara a muitos escravos; porém sempre por efeitos do ressentimento do rigor, com que os tratavam os seus senhores (Mendes, 1793, p. 393).

O *banzo* também pode ser percebido na personagem de Evaristo que interpreta a realidade vivida por muitas mulheres negras, em diferentes aspectos e perspectivas. Distante das personagens idealizadas, Ponciá Vicêncio escancara uma gama de violências comuns, vivenciadas pela mulher negra e/ou pelo feminino negro. Essa visão é traduzida nas suas elucubrações a respeito de como reage ao seu meio. As reações brutais do marido, diante da inação pelas quais passava, revelam práticas rotineiras no cotidiano das mulheres negras. A resposta dada pela personagem é um encastelamento ainda maior, uma melancolia ininterrupta.

Ponciá, como um ser de palavra, descortina uma realidade das mulheres negras, proporcionando a possibilidade de compreensão diacrônica entre o que acontecia e o que ainda acontece atualmente. Isolar-se ou simplesmente ignorar os comportamentos machistas são os resultados da inferiorização internalizada por muitas mulheres. O emudecimento constante e a rotina de abusos sofridos eram – e ainda são – práticas aceitas socialmente. Do espaço diegético para o mundo realístico, houve poucas mudanças.



Mulher negra, pobre e marginalizada, ela é fruto de suas crenças, de sua herança genética e cultural, conduzindo-se pela vida movida por uma identidade que esteve sempre fora de seu arbítrio. Suas características a induzem em uma busca por libertação. Suas inquietações e as vivências pessoais representam a jornada que muitas mulheres negras brasileiras trilharam, na tentativa de quebrarem os grilhões, que no período pós-escravatura, manifestou-se de formas tão perversas quanto anteriormente. Sobretudo, personagens como Ponciá demonstram uma força geradora de coragem e versatilidade, qualidades que se referem à resiliência heroica.

4. O SURGIMENTO DA HEROÍNA

Seria possível, após o entendimento de sua personalidade, colocar a personagem nos moldes do monomito (Campbell, 1949) e fazê-la uma representante digna do exemplo idealizado, compreendido e estilizado ao longo dos séculos de produções literárias?

Para Campbell (1949), existem três grandes momentos na jornada do herói: o afastamento, a iniciação e o retorno, que culminarão com a mudança do *status quo* para algo completamente novo. O autor descreve cenários e possibilidades representados em produções mundiais, assegurando que mesmo com as devidas diferenças os personagens passam por situações similares e seria possível assim, identificar o herói e sua busca em qualquer romance. No entanto, importante essa ressalva: diferentemente dos grandes heróis épicos ou, ainda, dos protagonistas heroicos masculinos e com uma roupagem eurocêntrica, Ponciá é uma mulher negra, pobre e praticamente sentenciada a uma vida de misérias.

A personagem, assim como os heróis das epopeias, tem um destino determinado, contudo, em seu caso, há um deslocamento de sentidos com relação ao futuro. Não foram os deuses que traçaram seu caminho. Um dos legados de Ponciá é a sina existente antes mesmo do nascimento, porém, o que se deve entender como fatídico ou inevitável é a sua condição social em decorrência da cor da pele. É praticamente impossível para a personagem fugir do cenário limitador que foi constituído no processo escravidão/liberdade. Ela fará o que estiver ao seu alcance, para se distanciar da miséria em que vive. Todavia, carrega consigo o juízo de um coletivo que a impede ou dificulta sua mobilidade. O afastamento de seu povoado, de sua família e da vida que conhece é o primeiro passo dado pela protagonista rumo à mudança de vida. Deixar os seus significa abandonar o conhecido e adentrar em um mundo completamente novo e sem estabilidade. Despojada de maiores conhecimentos, Ponciá se aventura na cidade grande, buscando modificar sua realidade para proporcionar, à mãe e ao irmão, condições de vida digna, longe da exploração no ambiente rural. Ela adentra a jornada do herói, citada por Campbell (1949), como se evidencia a seguir.

Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou “imagens arquetípicas”. Esse é o processo conhecido na filosofia hindu e budista com *viveka*, “discriminação” [entre o verdadeiro e o falso] (Campbell, 1949, p. 27).



Diferentemente do que espera, a personagem encontra uma realidade de trabalho inesgotável e mal remunerado em que se acentua a ideia de seu corpo como ferramenta descartável. Sua vida como doméstica proporciona pouca diferença do que vivia no campo, ainda que consiga comprar um barraco em uma favela e pense que, se trabalhar ainda mais, poderá trazer para perto de si, a família jamais esquecida, perguntando-se, constantemente, se os seus familiares se encontram bem.

Seu olhar se volta para a mãe e para o modo como a sua progenitora vivia. Ao conjecturar a respeito de sua vida, Ponciá vê as ligações que mantém com a matriarca e a tem como um modelo. Lembra-se da relação dos pais e do silêncio pacífico que existia naquele casamento. A genitora tinha um poder balsamizante sobre o companheiro que, após períodos de intenso labor, retornava ao lar, encontrando consolação no seio familiar. É possível observar a influência matriarcal, processo comum em diversas comunidades africanas, quando se lê o cotidiano dos pais da protagonista:

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles, o que deveria trazer da próxima vez que voltasse em casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço. As que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono (Evaristo, 2003, p. 24).

Na ambientação íntima acima, compreende-se os mecanismos de relações em que a mulher não é dependente do marido ou subserviente. Um dos legados africanos presentes no Brasil é a proatividade feminina, resultado de um conjunto de práticas que, se não colocavam as mulheres negras em pé de igualdade com os homens negros, ao menos não lhes conferiam um caráter de submissão. Até mesmo desse legado, Ponciá está distante. O modelo matriarcal pode ser visto na tradicionalização estabelecida dentro das casas candomblecistas brasileiras mais antigas, por exemplo, onde o poder de fala e ação é majoritariamente feminino, reflexo das afro-culturas que chegaram ao país.

Entre suas reflexões, a protagonista compara o passado familiar e o presente de mazelas, inconstância e desalento, encontrando-se em meio à sua iniciação, tendo cruzado

[...] o limiar, o herói caminham por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosas (Campbell, 1949, p. 102).

As vivências da infância são constantemente lembradas pela Ponciá adulta, que volta seus pensamentos para as coisas que um dia possuiu. Ela percebe que o mundo ao seu redor difere muito pouco daquele em que nasceu, ainda que consiga compreender, nostalgicamente, que houve um tempo de paz em sua existência. Seu presente é marcado pelo alheamento, resultado da imersão nos próprios pesares. Afastada da realidade, a personagem se surpreende com aquela situação e sabe que vive algo incomum; porém, com o passar do tempo, estende-se cada vez mais nos caminhos de sua mente. As abstrações da personagem ganham intensidade, tornando-a um ser de ausências, alguém que, aos poucos, perde-se no próprio silêncio.

Alguns trechos da obra revelam que a personagem tem um destino e ganhará uma herança do avô. Ponciá tem conhecimento de tal herança e se pergunta o que ganharia, imaginando tratar até mesmo



de dinheiro, ainda que o avô tenha sido um pobre ex-escravo. O legado, na verdade, tratava-se de seu encontro com a insanidade, a perda de si numa realidade interior. A vida na urbe é uma sucessão de reveses que impelem Ponciá à adequação, subjugando-a e a convencendo à crueza social. Isso remete à ordem da origem das cidades que se caracterizava por uma exclusão permanente, onde não havia lugar para os não-merecedores daquela estrutura. Mantida em uma situação de semiescravidão, Ponciá trabalha exaustivamente e recebe muito pouco em troca, procurando prazeres capazes de lhe proporcionar um pouco de alegria. Ao se enamorar de seu futuro companheiro, durante a breve paixão, percebe que o encontro com o outro é capaz de aliviar uma alma torturada e direcionar à senda diaspórica.

A relação com o marido lhe permite o prazer, o toque, o contato silente e a intensidade entre duas humanidades. Estar com alguém é uma sensação inebriante para a jovem que, no passado, descobrira o orgasmo se tocando às margens de um rio. Essa impressão retorna durante o ato sexual e ela imagina que sua vida seria muito mais rica a partir dali. O companheiro seria a força agregadora, a qual ela própria acreditava necessitar para realizar seus planos de reunião familiar e emancipação. Contudo, estava enganada.

Egresso de uma realidade semelhante, o marido não conseguiu sustentar o amor que Ponciá desejava, reproduzindo a hostilidade normalizada socialmente na relação com sua companheira que, desiludida, adentrou os caminhos da própria memória a fim de se distanciar daquela situação. Seu corpo, passado a experiência da paixão, quando estava próxima do marido, tanto no sexo quanto na violência, permanecia inerte, enquanto Ponciá divagava. Mesmo que, ao final, o esposo se comova com a situação de Ponciá, pode-se perceber os níveis de agressividade que permeiam as relações marcadas pelo machismo que se acentuava na vulnerabilidade do corpo da mulher estendido à violação.

A iniciação da personagem a reveste de incertezas e a herança prometida a ela ganha contornos claros à medida que confronta o seu espaço. O apagamento social das mulheres toma a forma de uma personagem que se perde a cada página e representa, literariamente, o produto de uma jornada de privações. Ponciá se torna insubstancial. Sua figura material desvanece e dessa obnubilação surge uma personagem cada vez mais etérea. Ela é o silêncio personificado – a verdade ou a soma das violências.

A jornada, em si, é uma representação da resistência nesse romance. Ponciá não é uma heroína idealizada, bem como os seus semelhantes; no entanto, os atos de coragem dos personagens dessa trama revelam a bravura, fruto da necessidade que os obriga a se lançarem rumo ao desconhecido, adequar-se e, com sorte, retornar às suas *polis*, portando o elixir, “destinado à restauração da sociedade” (Campbell, 1949, p. 198).

Ponciá perfaz a jornada do herói, encenando as experiências de milhares de brasileiras. Ela simboliza o povo comum, as classes subalternizadas, os esquecidos e os silenciados. Suas trajetórias são sinônimos de determinação, deve-se ressaltar; contudo, não são os heróis que performam o êxito e que, segundo Campbell, estão presentes em todas as narrativas. As batalhas pelas quais passa são comuns a um povo que tem o destino marcado pelas desigualdades alimentadas no decorrer dos séculos. Dificilmente fugirão de suas sinas, pois ocupam uma posição de subalternidade em um espaço silenciado. O romance *Ponciá Vicêncio* desvela o expediente dos não-heróis, que ainda assim



percorrem a trajetória dos lutadores incansáveis, na tentativa de vencer, não apenas a si mesmos, mas, ainda, contornar as inúmeras dificuldades que (re)enfrentam em seu cotidiano.

Ponciá fez a viagem de retorno ao seu núcleo original desprovida de tudo. Sua sanidade se desfez, e os familiares, após conseguirem se reunir, levaram-na de volta à roça. Quando se refere ao regresso do herói e sua missão como aspecto transmutador, Campbell (1949) reflete sobre as dificuldades por que passará:

Eis a última e difícil tarefa do herói. Como retraduzir, na leve linguagem do mundo, os pronunciamentos das trevas, que desafiam a fala? Como representar, numa superfície bidimensional, ou numa imagem tridimensional, um sentido multidimensional? Como expressar, em termos de “sim” e “não”, revelações que conduzem à falta de sentido toda tentativa de definir pares de opostos? Como comunicar, a pessoas que insistem na evidência exclusiva dos próprios sentidos, a mensagem do vazio gerador de todas as coisas? (Campbell, 1949, p. 124).

Diferentemente de personagens que representavam somente um corpo sexualizado ou utilitário, como Rita Baiana, da obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, Ponciá é um ente, um ser senciente, uma mulher por inteiro. A autora construiu um ser literário capaz de dialogar com a subjetividade obliada de milhões de mulheres negras, dando claros contornos às humanidades negligenciadas.

Uma das ferramentas de que se vale a literatura é, justamente, a capacidade de produzir um efeito de sentido no mundo material, provocando a catarse nos leitores. A alteridade funciona como uma ponte, ligando a representação à realidade por meio das intersecções entre os mundos. O leitor pode se ver tocado pela representação literária, pois consegue estabelecer a conexão entre o representado e o vivido. Mesmo que essa não seja a função da literatura, como ato contínuo, pode-se ressignificar condutas. Antônio Cândido (1972) disserta sobre essa troca de informações entre a literatura e o mundo real:

Muitas correntes estéticas, inclusive as de inspiração marxista, entendem que a literatura é sobretudo uma forma de conhecimento, mais do que uma forma de expressão e uma construção de objetos semiologicamente autônomos. Sabemos que as três coisas são verdadeiras; mas o problema é determinar qual o aspecto dominante e mais característico da produção literária. Sem procurar decidir, limitemo-nos a registrar as três posições e admitir que a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (Candido, 1972, p. 85).

Na citação acima, o pensamento de Candido sobre o papel da literatura na compreensão humana demonstra que a arte literária age nos recônditos da consciência e pode, sim, transformar pensamentos. Quando se depara com uma representação diegética e tudo o que advém da trama, o leitor tem a chance de transportar para materialidade (guardadas as devidas proporções), ensinamentos apreendidos da análise e associação com o mundo simbólico.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE ESSA JORNADA

É possível que possamos pensar no retorno ao seu núcleo original – a realocação na *polis* – percebendo mais um deslocamento relacionado à teoria de Campbell. A personagem está despojada de consciência e cabe àqueles que estão ao seu redor velarem por sua dignidade. São os seus, aqueles que a cuidarão e, nesse processo, terão um *insight* que revelará mais do que pretendiam ou esperavam. Ponciá foi esvaziada de toda a sua identidade (ancestral), deixando de representar a si mesma; contudo, seu corpo (simulacro de uma alma torturada por fatores genéticos, sociais, econômicos, culturais e emocionais) se transmuta no elixir da vida que modifica as existências daqueles com quem manteve relações. Sua família vive um embate entre a realidade e a significação do humano, percebendo suas condições de vida e confrontando suas expectativas diante do ocorrido com a protagonista. Algo similar passa com o leitor que acompanha a obra, quando entende o corpo de Ponciá composto por uma ambivalência constituída de duas naturezas: a de uma objetificação social gestada pelo poder colonial e até hoje pautada na ordem exploratória dos discursos de poder; e a outra, uma matéria potente de desejos vinculados a uma intimidade sublevada pela arquipotência do sentido da palavra.

Caso se direcione a atenção para as produções literárias brasileiras e se analise o fator representatividade, pode-se compreender que personagens como Ponciá são necessários, como reflexo de uma construção social que nega o direito aos lugares de fala e ao poder do negro enquanto detentores de capacidade discursiva. Protagonistas negros que são construídos por narradores e escritores negros em espaços comuns, com voz ativa e, sobretudo, tendo sua diversidade humanizada, ressignificam suas posições no mundo.

Ponciá está além do enquadramento de Campbell. Ela não se encaixa a uma fórmula universal. As temáticas universais, majoritariamente brancas, pelas quais passaram personagens, em narrativas diversas, recebem, contemporaneamente, representantes negros, que outrora foram diminuídos, animalizados, rotulados ou reificados. A literatura estende sua capacidade de transformação para além da arte ou da representação literária e contribui com o desenvolvimento de novos pensares e saberes, efeito derivado da comunhão dos conhecimentos advindos da multidiversidade ficcional e da experimentação empírica, não havendo possibilidade de entendimento da realidade longe do arranjo simbólico dos elementos do real e da ficcionalização da história. Eis Ponciá de Conceição Evaristo.

6. REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Mara Bilk de. A jornada do herói em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. **Scripta Alumni / Revista do Curso de Mestrado em Teoria Literária**, nº 12, 2014, pp. 7 – 18.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, nº esp., p. 81-89, 1999.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**: uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.



DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. [Entrevista concedida a] Ana Paula Acauan. **Revista da PUCRS**, Porto Alegre, nº 191, jul./set. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FRANCO, Andresa. Família de Cláudia Ferreira relata sentimento de impunidade depois de oito anos de seu assassinato pela PM do Rio de Janeiro. **Revista Afirmativa**, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/familia-de-claudia-ferreira-relata-sentimento-de-impunidade-depois-de-oito-anos-de-seu-assassinato-pela-pm-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUNA E SILVA, Danielle de; PAULINO, Renan Cabral. Crossroads between amefrican authors: Eshu, Ogun and Oshunmare in Toni Morrison's a mercy and Conceição Evaristo's Ponciá Vicêncio. **Ilha Desterro**, nº 75, 2022, pp. 133 - 150.

MENDES, Luis Antonio de Oliveira. Memória a respeito dos escravos e tráfico da escravatura entre a costa d'África e o Brasil (1812). **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, X, 2, 362-376

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

PINTO, Altair. **Dicionário da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1975.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Ciudad Autónoma, 2005.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia; GOMES, Flávio (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CONTE, Daniel. O resgate e a escrita de si no romance de Conceição Evaristo: uma leitura de Ponciá Vicêncio. **Scripta Uniandrade**, v. 18, nº 2 (2020), p. 207-223. Curitiba, Paraná, Brasil.

STOLL, Daniela Schrickte. Três formas de segregação urbana e racial em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, nº 58, 2019, pp. 1 - 11.

VECCHI, Roberto, Legados das memórias da Guerra Colonial: algumas reflexões conceituais sobre a transmissão intergeracional do trauma. **Abril**, v. 5, nº 11, 2013, pp. 15 - 23.

VERGER, Pierre. Lendas africanas dos orixás. Salvador: Corrupio, 1997.



MINISTÉRIO da justiça e segurança pública. Infopen - Levantamento nacional de informações penitenciárias. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>. Acesso em: 20 mar. 2021.

Submissão: 30/04/2024

Aceito: 21/10/2025